



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
GRADUAÇÃO EM DESIGN-MODA

BRENDA VINNE GOMES

**A LINGUAGEM DO VESTUÁRIO FEMININO NAS FESTAS RAVE EM
FORTALEZA**

FORTALEZA
2017.2

BRENDA VINNE GOMES

A LINGUAGEM DO VESTUÁRIO FEMININO NAS FESTAS RAVE EM FORTALEZA

Trabalho apresentado para conclusão do curso de graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará. Área de concentração: Ciências humanas.

Orientador: Profa. Dra. Dijane Maria Rocha Victor.

FORTALEZA

2017.2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G612l Gomes, Brenda Vinne.
A linguagem do vestuário feminino nas festas rave em Fortaleza / Brenda Vinne Gomes. – 2017.
24 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Dijane Maria Rocha Victor.
1. Rave. 2. Vestuário. 3. Corpo feminino. I. Título.

CDD 391

BRENDA VINNE GOMES

A LINGUAGEM DO VESTUÁRIO FEMININO NAS FESTAS RAVE EM FORTALEZA

Trabalho apresentado para conclusão do curso de graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará. Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr. Dijane Maria Rocha Victor (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Esp. Joelma Damasceno de Matos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Msc. Hendrick Lezeck
Universidade Federal do Ceará (UFC)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	METODOLOGIAS E MÉTODO	7
3	DESENVOLVIMENTO	9
3.1	Os discursos existentes no contexto da rave	11
3.2	O fortalecimento das raves no Brasil	14
3.3	As festas rave em Fortaleza	15
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6.	REFERÊNCIAS	24

A LINGUAGEM DO VESTUÁRIO FEMININO NAS FESTAS RAVE EM FORTALEZA

Brenda Vinne Gomes.¹

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o público feminino que frequenta festas *rave* em Fortaleza, com foco na festa denominada "Ziohm", que possui maior influência na cena de música eletrônica da cidade. Nele foi abordado a linguagem do vestuário desse grupo com o objetivo de compreender até que ponto a construção do corpo e do vestuário refletem os ideais de naturalidade, exaltação da natureza, busca por energização e escapismo propostas por esse cenário. A fonte de inspiração desse estudo surgiu ao ser observada a existência de padrões de estética que se opõem ao uso de drogas e entorpecentes, comuns no campo da música eletrônica. Denotou-se que a busca pelo corpo belo e "sarado" é muito mais do que uma moda refletindo diretamente na aceitação do meio. Através do estudo etnográfico, baseado na observação, foi desenvolvido este projeto que passou a ser construído a partir de conhecimento prévio e da observação *in loco*, além de levantamentos bibliográficos e questionários.

Palavras-chave: Rave. Vestuário. Corpo Feminino.

ABSTRACT

The present work is about the frequent female audience of rave parties in Fortaleza, focusing on the party called " Ziohm ", which has more influence in the electronic music scene of the city. In it, the language of the clothing of this group was approached with the purpose of the statement until the construction of the body and the clothing reflect the ideals of naturalness, exaltation of nature, search for energy and escapism proposed by this scenario. A source of study inspiration in which we work with the existence of aesthetic standards that oppose the use of drugs and narcotics, common in the field of electronic music. It has been pointed out that the search for the beautiful and "healed" body is much more than a fashion, this is directly in the acceptance of the environment. Through the study and documentation, this project was developed and started to be based on prior notice and on-site observation, as well as bibliographical surveys and questionnaires.

Keywords: Rave. Clothing. Body.

¹Graduanda do Curso de DESIGN-MODA da Universidade Federal do Ceará, brendavinne@hotmail.com;

1. INTRODUÇÃO

As festas *Rave* podem reunir uma quantidade variada de frequentadores dependendo da sua estrutura. Segundo Souza (2010), os locais escolhidos para esses eventos tendem a ser afastados das regiões urbanas, tendo em vista que o som alto e ininterrupto incomoda a população não simpatizante. Além disso, esse tipo de festa tende a durar várias horas, às vezes dias, sendo comum o uso de drogas para que o corpo suporte a agitação e ausência de sono.

Nos últimos quatro anos o cenário de música eletrônica na cidade de Fortaleza cresceu consideravelmente, tendo em vista que surgiram novas produtoras de eventos voltadas para a realização de festas *rave*. Com o crescimento dessas produtoras, as festas passaram a ocorrer com mais frequência; quando há dez anos, por exemplo, esperavam-se meses para sua realização, hoje observamos que mensalmente elas ocorrem. Alcantara (2008) explica que nesses eventos, multidões de jovens passaram a se reunir com o intuito de conhecer seus artistas favoritos e se divertir ao som de *djs* de renome, estes são convidados a participarem das festas e vêm não só do Brasil, mas de várias partes do mundo. A frequência com que as festas passaram a ser realizadas devido ao aumento de investimentos atingiu não somente os apreciadores do estilo, mas também outros jovens, que em busca de novidade e forma de escapismo da realidade, passaram a se interessar pela festa.

O presente trabalho teve como estudo o público feminino assíduo das festas *rave* realizadas em Fortaleza, com foco no público da festa *Ziohm* que ocorre anualmente e foi escolhida dentre diversas outras festas por conta do seu destaque, observando suas particularidades referentes ao seu vestuário e comportamento. Buscou ainda compreender a construção dos corpos no contexto da festa e seus significados. Nele foram interpretados os sentidos da estética *rave*, bem como seu surgimento, ideologias e seus paradoxos.

Diante desse contexto, foi identificada a seguinte problemática: Até que ponto a construção do corpo reflete os ideais da *rave*? Com isso, o objeto geral deste estudo foi entender a oposição de ideais nas expressões existentes e determinar a maneira como o vestuário interfere esteticamente nas relações criadas no meio. Buscou-se atender também aos seguintes objetivos específicos: Identificar os discursos de belo e natural no contexto da *rave*; observar a construção dos corpos

em oposição ao uso de drogas, tendo em vista os problemas físicos e psicológicos que seu uso pode trazer; Interpretar a importância do vestuário nas relações.

Esta obra foi pensada, pois não existem muitos estudos que tratem das linguagens implícitas existentes nas festas *rave* em Fortaleza e que relacionem suas ideologias com o vestuário local, identificando a influência deste. Vale ressaltar que há certo preconceito com o ambiente das festas, devido ao fato de estarem diretamente ligadas ao uso de psicoativos. Essa realidade cria obstáculos no que se refere à aproximação com o universo da *rave*, dificultando a compreensão de seus discursos e até mesmo de sua relação com o contexto da moda.

O interesse por esse estudo cresceu mediante o surgimento de dúvidas relativas ao ambiente das festas *rave* frequentado com assiduidade pela pesquisadora. À medida que as problemáticas foram sendo observadas, criou-se o desejo da pesquisa para esclarecer dúvidas não só da autora, mas também de todos aqueles que frequentam o cenário da música eletrônica e se interessam por suas particularidades.

Dessa maneira, o trabalho foi dividido em três momentos. No primeiro momento foi abordada a temática da festa *rave*, explicando sua origem, ideologias e paradoxos a fim de procurar compreender até que ponto a construção do corpo e do vestuário se refletem no contexto da festa. No segundo momento a temática da construção do corpo se aprofundou com o objetivo de fortalecer a oposição existente entre o corpo belo e o uso de drogas. Para finalizar, foi discutida a importância do vestuário nas relações pessoais e interpessoais existentes procurando interpretar seus significados.

2. METODOLOGIA E MÉTODOS

O presente trabalho se desenvolveu por meio do estudo etnográfico, baseado na observação. A etnografia estuda e revela os processos da interação social: hábitos, tipos de comportamento, ideias, costumes. Segundo Moreira e Caleffe (2006) algumas etapas devem ser seguidas para o andamento da pesquisa, como: Identificar o grupo a ser estudado e Coletar dados (Anotações feitas em campo) para responder aos questionamentos. Trata-se de um formato investigativo. Hammersley e Atkinson (1994) afirmam que se deve existir um conhecimento do contexto.

Diante desse conhecimento, foi desenvolvido este projeto que se construiu a partir da observação *in loco* nas festas *rave* ocorridas em Fortaleza, mais especificamente na festa *Ziohm*. Além disso, foram feitos levantamentos bibliográficos sobre a temática em questão, como: Publicações antigas e recentes de artigos e monografia; Livros; Pesquisas documentais; Matérias de jornais; Vídeos; Panfletos e também coleta de informações no devido ambiente retratado. Esses dados foram obtidos em contato direto do pesquisador na situação de observador *in loco* (Presença física do observador). Em relação aos fins, a pesquisa teve um caráter descritivo, e quanto aos meios, foram realizadas pesquisas documentais e em campo.

As etapas de realização do trabalho foram: A - Pesquisa bibliográfica específica e documental sobre as festas *rave* e seu público - seleção e escolha das principais referências bibliográficas, pesquisa em matérias de jornal, vídeos e panfletos relacionados ao meio discutido; B – Levantamento de dados – pesquisa *in loco* em festas *rave* realizadas na cidade de Fortaleza; e C – Tratamento dos dados - seleção, análise do conteúdo observado (BARDIN, 2000) e interpretação dos dados.

Vale ressaltar que, segundo Minayo (2004), dentro de uma teoria os conceitos mais importantes são as categorias. As categorias analíticas são aquelas que retêm as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. Para a realização desse estudo, temos como categorias básicas o cenário da festa *rave*, o vestuário utilizado no meio social retratado e a construção dos corpos relacionados à estética *rave* e seus significados.

3. DESENVOLVIMENTO

As festas *rave* são “celebrações” (como denominam seus frequentadores) ao som de música eletrônica que ocorrem, no geral, em lugares isolados e tem longa duração. A palavra tem origem no verbo inglês *to rave*, que significa delirar. Este termo surge para reforçar a relação da música eletrônica com o uso de ecstasy, prática comum nesse tipo de festa. Esse termo ganhou força em meados da década

de 1980, descrevendo uma cultura que cresceu do movimento *acid house*¹ com surgimento em Chicago. No decorrer das décadas o fenômeno se espalhou e logo tornou-se uma prática globalizada. As primeiras *raves* aconteceram em Manchester, na Inglaterra, em fins de 1987. Em seguida na Alemanha, principalmente Berlim. Nos EUA e no Brasil as festas chegaram ao decorrer da década de 1990. (SOUZA, 2002).

Segundo Souza (2002), o conceito de *rave* foi formatado em festas realizadas em espaços abertos, fora do perímetro urbano ou em galpões abandonados. Esses locais são escolhidos cuidadosamente tendo em vista que a longa duração da festa e o excesso de barulho poderiam causar transtornos à população próxima a área. Geralmente o evento ocorre em lugares abertos, tranquilos, com bonitas paisagens naturais. Quanto maior for o contato com a natureza (Perto de florestas, lagos, cachoeiras, praias) maior a preferência. Além do ambiente natural, as festas tendem a ser bastante decoradas com tendas (Para proteção dos efeitos nocivos da exposição ao sol em longa duração), fios e objetos “psicodélicos” com cores bastante chamativas e muito brilho.

Os personagens mais usados como esculturas são alienígenas, naves espaciais, imagens do espaço sideral, etc... Remetendo ao desejo de fuga da realidade buscado pelo público. Luz negra (lâmpadas roxas, de acentuada iluminação, para ambientes escuros, que exercem um efeito fluorescente), estrobo (projektor de potentes *flashes* de luz branca, com velocidade regular e controlada), canhões de raio laser, telões para projeção de imagens, também são alguns dos elementos que compõem a decoração e tem bastante relevância, pois auxiliam o indivíduo à alcançar uma segunda realidade com influência dos psicoativos utilizados e da música hipnótica transmitida.

As festas de música eletrônica carregam em sua essência um arsenal de signos polifônicos comunicantes, que representam o reflexo de uma verdadeira expressão cultural da contemporaneidade. O comportamento, o vestuário, a decoração dos lugares, a forma de dançar, a música transcendental, a ideologia do movimento rave, sua aproximação com algumas referências da religião hindu, sua filosofia. Tudo isso se constitui como sendo um retrato de uma cena rodeada de instâncias simbólicas significantes e cambiantes entre si. (NEVES, 2009, p. 6)

1 O Acid house é um estilo da música eletrônica, sub-vertente do house. Esse estilo era exclusivamente um fenômeno de Chicago, mas em 1987 virou febre no Reino Unido e na Europa Continental, sendo muito tocado por Djs.

Devido ao uso de drogas, essas festas foram intensamente combatidas, sendo alvo da polícia e do governo de cada país. Por alguns anos após o seu surgimento, as festas *rave* aconteceram clandestinamente, por serem consideradas ilegais. Suas divulgações eram feitas boca-a-boca e havia-se toda uma preocupação com a divulgação do local, que em geral acontecia em prédios abandonados. O *dj*² inglês Julian Liberator, que viveu o momento de início do cenário da música eletrônica, citou em entrevista:

Era comum as rádios piratas anunciarem uma festa e darem apenas algumas pistas de como chegar. Eles indicavam um lugar no meio do caminho, por exemplo, um posto de gasolina. Lá havia uma pessoa dando o resto do endereço. Tudo isso para despistar a polícia, que queria impedir a proliferação dessas festas que começavam a reunir multidões. (POSI, 2009, p. 45)

Segundo Abreu (2005), o crescimento do fenômeno das festas *rave* se dá com a popularização da cultura *clubber*³ e conseqüentemente da propagação da música eletrônica nos centros urbanos do mundo todo.

Através da música eletrônica, os *ravers* vivenciam uma forma comum de experimentar, que é definido como “estilo estético”. Maffesoli afirma:

O estilo estético, ao se tornar atento à globalização das coisas, à reversibilidade dos diversos elementos dessa globalidade, e à conjunção do material com o imaterial, tende a favorecer um estar-junto que não busca um objetivo a ser atingido, [...] Mas empenha-se, simplesmente, em usufruir os bens deste mundo, em cultivar aquilo que Michel Foucault chamava de "cuidado de si", ou "o uso dos prazeres", em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com o outro algumas emoções e sentimentos comuns. (MAFFESOLI, 1995, p. 54).

As características do “estilo estético” são partilhadas em diferentes territórios do mundo, acentuando por um lado à noção de tribalidade, e, por outro, a

2 Um DJ é uma sigla em inglês que significa *disc jockey*, é um artista responsável por transmitir música (muitas vezes da sua autoria) na rádio, televisão ou em qualquer local onde se ouça música (boates, discotecas, etc.).

3 O movimento *clubber* começou a surgir na década de 70, em um período pós-guerra do Vietnã, em consequência do panorama da música de dança e do chamado *clubbing*, que nada mais é do que a frequência assídua a determinadas casas noturnas (*clubs*, ou discotecas) onde domina a música de estilo *house*, *techno*, *trance*, e *drum n´ bass*, quatro gêneros de música eletrônica.

desterritorialização. Podendo-se assim dizer que a cultura da música eletrônica é uma cultura universal.

SOUZA (2010) acredita que apesar da diversidade e das características peculiares de cada festival eletrônico, há algumas características comuns em qualquer festa que resumem o cenário da música eletrônica, que são elas: a estrutura e o programa da festa, o uso de elementos do sagrado e o comportamento existencial do ser.

3.1 Os discursos existentes no contexto da rave

As festas *rave* surgiram em um período onde o individualismo tem grande força. Tais festas tem como finalidade “a busca de um prazer que liberta das amarras existenciais e preenche o vazio instaurado pela cotidianidade” (NEVES, 2009, p.1). Por meio dessas celebrações o público frequentador tende a estreitar os laços existentes, construindo uma sociabilidade que incentiva o ideal de comunhão anulando a ideia de individualidade em detrimento do todo.

As festas de música eletrônica tornam-se espaços de práticas para a auto-afirmação e preenchimento do vazio existencial. Sua teoria complexa e técnica sofisticada são funcionalmente simples para o público que a frequenta. (SOUZA, 2010, p.81).

O uso de entorpecentes (*ecstasy* e LSD) tem a capacidade de criar forte empatia entre seus consumidores, tendendo a facilitar a interação e esconder os medos e angustias pessoais. Dessa maneira, o movimento *raver* é de certa forma um desvio da sociedade atual, rompendo os padrões de valores sociais, e atuando em oposição aos valores repudiados como o consumismo e o egocentrismo.

Como ideologia, os *ravers* adotaram a defesa dogmática do PLUR (*peace, love, unity and respect* - paz, amor, unidade e respeito que teve origem num discurso do *dj* Frankie Bones em uma de suas festas num galpão abandonado em Nova York em 1992. (SOUZA, 2002, p.3) Segundo Domingos:

A cultura *raver* – [prega] a liberdade de espírito, corpo e mente, o respeito pelo outro e pela natureza numa comunhão, onde barreiras históricas como o gênero, a religião ou ideologias políticas caem por terra e emerge uma identidade comum de bem estar e paz entre os participantes da reunião em torno das batidas rítmicas do trance psicadélico. (Domingos 2009, apud ANUNCIAÇÃO, 2010, p. 1974).

A música transmitida nas *raves* tem uma conotação de experiência coletiva, multissensorial, unindo o arcaico e a tecnologia devido à criação computadorizada dos sons. O *dj* procura criar a *vibe*⁴ através da música hipnótica. A música eletrônica com o uso da tecnologia é frequentemente associada ao prazer e acelera a percepção. Souza explica a experiência em uma *rave* como:

Um esforço tribal para um prazer hedonista, despolitizado e pagão. Hedonista porque é imediato e em função do prazer; despolitizado, porque é uma cultura além-estada, globalizante e universal, sem bases em partidarismos; e pagão, na medida que nenhuma religião é eleita como coletiva, nenhum deus é eleito como norteador. O único deus é a música tribal. (Souza, 2002, p. 14)

Além das características destacadas, a música eletrônica é marcada pela repetitividade, elemento fundamental de sua estética. Nesse ponto, há uma conexão com os mantras (Estes se baseiam na repetição e buscam uma melhor integração com o Cosmo). Assim, a repetição representa transcendência, liberação do ego, não falta de criatividade (SOUZA, 2002).

Em uma de suas pesquisas sobre as festas *rave*, o sociólogo Tim Weber conclui que o público que frequenta esse meio busca uma experiência libertadora, como ‘remédio’ ao clima estressante em que vivem. Reforçando o que foi dito anteriormente, o ambiente da *rave* é procurado como forma de libertação da experiência mundana do dia-a-dia. Porém, a tradição ideológico-cultural de igualdade presente na cultura *raver* vem se perdendo na última década.

A difusão de novas vertentes da música eletrônica, como o *trance psicodélico*⁵, o *full on*⁶, o *dark trance*⁷, e o *trance progressivo*⁸, juntamente com a

4 *Vibe* é a diminuição de *vibration*. A *vibe* de uma pessoa é a vibração ou sensação que uma certa pessoa transmite, como uma espécie de aura. Uma pessoa equilibrada e cheia de paz e amor transmite uma boa *vibe*, enquanto uma pessoa conflituosa e rancorosa emite uma má *vibe*. Inicialmente, o termo surgiu através de pessoas que iam a festas de música eletrônica, e diziam que iam para aproveitar a *vibe*.

5 É uma forma de música eletrônica desenvolvida no fim dos anos 1980 em Israel a partir do Goa *trance*. Este estilo tem uma batida rápida, entre 135 e 165 batidas por minuto (bpm), que algumas vezes difere da batida do *techno* por ter um alcance de frequência um pouco mais alto além dos sons graves.

6 *Full on* é a vertente mais melódica do *trance psicodélico*. Seus baixos são corridos e com muitas variações de tons. São caracterizados por sintetizadores ao extremo e por uma grande oscilação entre momentos de euforia total e melodias bem trabalhadas, geralmente construídas entre 142 e 150 bpm.

7 *Dark Trance* é uma subvertente do *trance* que possui um carácter sombrio, escuro e sinistro. Caracteriza-se ainda por apresentar efeitos curtos e rápidos, batidas que variam de 140 a 200 bpm, sem uma melodia pegajosa de sintetizador.

inclusão dos mesmos no contexto da festa *rave* tem redefinido o sentido da festa por parte do público e de seus organizadores.

Um exemplo dessa redefinição se dá pelo fato de que na última década os festivais de música eletrônica tiveram um enorme crescimento, utilizando-se de estruturas por vezes cinematográficas e atendendo de uma forma mais ampla todas as necessidades e gostos do público pagante. Anunciação (2010) diz que essa propagação não só restringiu o público (que necessita de considerável condição financeira para custear a festa), mas também o subdividiu, a partir do momento em que passaram a existir áreas diferentes para quem desembolsasse valores a mais.

Pulseiras coloridas identificariam os participantes que pagassem 100 reais por seus convites para ter acesso a uma área vip da festa denominada “backstage”. Podemos notar que a diferenciação social não parece ser transcendida, superada ou ultrapassada no ambiente da festa. Assim como na vida cotidiana dos frequentadores o pertencimento a uma classe social dominante delimita territórios, restringe acessos e determina poderes simbólicos. (ANUNCIAÇÃO, 2010, p. 1967)

Devido ao surgimento desses diferentes subgêneros tem-se visto uma frequente divisão dos públicos e o aparecimento de novos movimentos festivos relacionados ao cenário da *rave*. Esses diferentes movimentos além de divergirem nas sonoridades, divergem também na maneira como se faz a festa, influenciando diretamente na escolha do local onde acontecerá o evento, na escolha dos *dj*'s, do ⁹*line up*, sofrendo assim com as consequências do mediatismo. Contextualizando, Domingos (2011) defende que o *dark trance* é uma proposta menos comercial e o *full on* a proposta mais comercial do cenário do *trance psicodélico*. Aqueles que tem preferência pelo *dark* apontam o *full on* de forma negativa pois acreditam que esse é a razão pelos malefícios gerados no meio festivo, como sua comercialização e principalmente a participação de públicos alheios ao movimento *raver*.

Com a globalização das sonoridades dançáveis e das práticas festivas a elas associadas, torna-se necessário compreender como é que fenômenos globais são adaptados e recriados a uma escala local, com o intuito de entender como é que estes mesmos fenômenos globais podem incidir na formação e na manutenção de movimentos locais. (DOMINGOS, 2011, p.51).

8 O *trance progressivo* é uma vertente mais calma e com menos elementos que o *trance psicodélico*. É um estilo mais lento, melódico e também grooveado, com BPM em torno de 135 a 138.

9 *Line up* é uma expressão para festivais do termo “*to line-up*” que significa quem vai tocar no festival.

3.2 O Fortalecimento das raves no Brasil

MORENO (2013) afirma que no Brasil a primeira festa *rave* ocorreu em 1993 nas praias de Arraial D'Ajuda e Trancoso, sul da Bahia. A mesma foi patrocinada pela marca de cigarro L&M, ocorreu em local fechado e não foi alvo de perseguição da polícia. Contou com a participação de grandes nomes da música eletrônica do país. Seu público foi caracterizado como "hippies tecnológicos" pelos habitantes do local devido ao uso excessivo de cores vibrantes em suas vestes. A partir de então, outras festas foram "testadas" na Bahia e em outras regiões próximas, com o intuito de fortalecer o cenário da música eletrônica.

Foi somente em 1994, com a chegada do *dj* Dimitri de sua temporada em Londres e Ibiza que foi produzida a primeira *rave* independente na cidade de São Paulo. Teve grande semelhança com as raves realizadas na Europa devido ao seu estilo *underground*¹⁰.

As primeiras Raves ocorreram quando uns grupos de amigos se reuniam de modo cooperativo, e não remunerado. O recurso financeiro era pequeno, porém sempre caprichado e criativo na decoração e no uso das luzes, criando ambientes surreais. Era bem dividido o "trabalho" entre os organizadores, um era responsável para elaborar o flyer, outro emprestava o sítio, se revezavam para garantir o funcionamento do bar, da entrada, dos caixas, e da segurança do lugares, e normalmente como sabiam que o recurso financeiro era pequeno, alguns *djs* não cobravam para tocar ou recebiam um pequeno cachê. (MORENO, 2013, p.12)

Essas festas foram iniciadas no Brasil por influência de estrangeiros, principalmente europeus. Tornaram rotineiras, acontecendo toda semana e em diversos ambientes. Castro (2004) afirma que a primeira grande *rave* realizada no país foi em agosto de 1998, reunindo em torno de 8000 pessoas. Foi a chamada terceira edição da Fusion e teve diversas atrações como bungee jumping, diferentes pistas de dança, sala de video-game e apresentação de maracatu, além, é claro, da participação de muitos *dj's*.

A partir de 1998 surge também uma forma de festa *rave* denominada de *private*. As *privates* são festas pequenas, contendo um número máximo de participantes, que geralmente são convidados. Essas festas costumam acontecer em ambientes fechados, diferente das *megaraves*. Posi (2009) afirma que foi

¹⁰ Underground significa subterrâneo, em português, e é usado para chamar uma cultura que foge dos padrões normais e conhecidos pela sociedade.

somente em 2001 que surgiram os famosos festivais de música eletrônica, de longa duração, aconteciam durante 4 ou 5 dias consecutivos, modelo adotado pelas maiores festas de música eletrônica da atualidade. Reunindo milhares de pessoas, esses festivais aconteceram em cidades como São Paulo, Campinas, Piracicaba, Ribeirão Preto, Santos, Londrina, Porto Alegre, Brasília, Florianópolis, Belo Horizonte e etc.

O fato é que atualmente, após 3 décadas de contato com o universo da festa *rave*, o capitalismo entra cada vez mais em vigor, transformando o movimento que surgiu fundamentado em princípios contra culturais em obtenção de lucro sobre os frequentadores que buscam um êxtase momentâneo e cada vez mais vazio de significados. Segundo Anunciação (2010) o que interessa não é mais a proteção da natureza ou a busca da espiritualidade, pode-se observar que houve-se uma mudança e que o novo lema é simplesmente experimentar o entusiasmo coletivo diante de um futuro incerto.

3.3 As festas rave em Fortaleza

Em Fortaleza, vários são os lugares que tentam seduzir jovens e adultos nas noites de fins de semana. O cenário das festas de música eletrônica na cidade é bastante diversificado, podendo ser dividido atualmente entre as festas noturnas que duram algumas horas e tem a participação média de 3 *djs*, acontecendo em geral nas barracas da Praia do Futuro (Ex: Guarderia, Sunrise) e finalizando ao amanhecer e as *raves* de fato, com duração superior a 12 horas, reunindo vários *djs* (A quantidade muda proporcionalmente ao tempo de duração da festa, logo, quanto maior a duração, mais atrações a festa terá). As últimas, em sua maioria, também ocorrem na Praia do Futuro, principalmente na barraca de praia Biruta, lugar onde se pode dizer que existe certa tradição em ser o “palco” de festas desse cenário.

Feitas essas observações iniciais, é importante ressaltar que os locais citados não são (e não foram) os únicos locais onde as festas acontecem, mas apenas uma pequena parte de uma grande lista. E embora não sejam os únicos, e nem os primeiros, são tidos como referencial para esta pesquisa.

Ao que se trata do surgimento das festas *rave* em Fortaleza, Nunes (2010) afirma, ao se perguntar o motivo das respostas vagas e nunca conclusivas que os

jovens forneciam a respeito do assunto, que está diretamente relacionada com a característica descentralizada que marca o fenômeno, além de sua heterogeneidade e da volatilidade do público que frequenta tais eventos.

Semelhante ao que aconteceu na Bahia, São Paulo, Belo Horizonte e outros estados brasileiros, a música eletrônica que chegava a Fortaleza tinha um caráter *underground*. Porém, num provável início, seu território, por excelência, era o espaço das danceterias. Na cidade havia uma bastante conhecida, chamada Periferia, localizada nas redondezas da Praia de Iracema. O lugar possuía as paredes internas pintadas de preto, uma ampla pista de dança, iluminação especial, arquibancadas feitas de cimento, serviço de bar, uma música eclética e inúmeros jovens a procura de diversão. (NUNES, 2010, p. 79).

O autor Araújo Jr (2007) retrata o ambiente da periferia, que segundo ele, inaugurou a cena da música eletrônica no Ceará no final dos anos 1980. O lugar, afirma, muito se assemelhava aos *pubs*¹¹ ingleses e não era o único na cidade com essas características.

Ao entrar na Periferia, o visitante ficava imediatamente de frente para a pista de dança. Era preciso descer uma pequena depressão até o nível abaixo do chão, onde todos se encontravam para dançar. Era um verdadeiro “inferninho”, como são chamados os pequenos e escuros lugares onde há muita festa e consumo de cerveja, a exemplo dos *pubs* ingleses. Antes da Periferia, boates tradicionais como a Éden, de azulejos brancos com galhos de árvores pintados, funcionavam mais voltadas para o público abastado. A Periferia, cujo nome já é atestado de ousadia, tinha como estratégia reunir pessoas muito diferentes entre si, não só diversas classes sociais, mas também várias idades, estilos, orientações sexuais. (ARAÚJO JR, 2007, p. 57).

O principal diferencial da periferia em relação a outras danceterias existentes na cidade, como a Éden, por exemplo, era o seu esforço em levar música eletrônica até as camadas médias e baixas da população jovem. A heterogeneidade do público era a sua marca, indo de “heterossexuais comportados a drag queens extravagantes” (ARAÚJO, 2007). A partir dessas ressalvas podemos fazer um paralelo com a cultura *raver* atual e observar que mesmo com o passar dos anos não houveram grandes mudanças com relação ao público presente nas festas da década de 80 para os anos 2000.

11 O tempo *pub* é derivado da expressão *public house* e constitui um tipo de estabelecimento comercial licenciado para a comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas. A maioria dos *pubs* oferece uma grande variedade de bebidas, porém a cerveja é a mais consumida entre os frequentadores.

NUNES (2010) faz um breve histórico sobre as casas noturnas que trouxeram o som dos djs para o cenário cearense até o surgimento das privadas e dos investimentos voltados especialmente para o público raver, que dentre as vertentes da música eletrônica se familiarizam com o som do *techno*, *progressive*, *full on* e *dark*. A partir do declínio das danceterias, que com o passar do tempo mostravam sinais de fadiga e saturavam o público, foram surgindo clubes que traziam novas estruturas e outro tipo de som, como o clube *Nation*, que foi um dos pioneiros nessa “nova” linha de diversão.

Personagens extravagantes e carismáticos; um tipo de música diferente e original que surgia para o mundo com alegria e jovialidade; uma moda colorida e divertida e a luz estrobo mais intensa da cidade colocaram o *Nation* na rota da modernidade. (ASSEF, 2003, p.135 apud NUNES, 2010 p.81).

Rapidamente os clubes passaram a ocupar o lugar das danceterias, em um ambiente em que se observava uma outra performance do DJ, que muitas vezes era obrigado a reproduzir sons que, apesar de não os agradarem particularmente, mantiam a pista de dança agitada. A partir daí, vários outros clubs e boates foram surgindo em Fortaleza, como o Galpão, localizado na Praia de Iracema e a La Luna, situada na Praia do Futuro. Além das famosas festas que ocorriam nesses clubs, surgiam também as calouradas, que a cada ano ganhavam mais força e conseqüentemente maior público.

Entre os clubs de maior sucesso está o Mucuripe Club, inaugurado em 1997, sua estrutura com cinco ambientes impressionava pela sua magnitude e principalmente, por sua diversidade de opções musicais. Nunes (2010) retrata também o surgimento do grupo *Undergoove*, formado por seis consagrados Djs do período (DJs Rodrigo Lobão, Fil, Sickboy, Arleuim, Mantrix e Chris DB).

Os [seis] membros do grupo, aliás, tinham estilos musicais variados e produziam festas em que nenhum gênero prevalecia. Lobão tocava *tech house*, Fil, *hard techno*, Sickboy ficava com o *house*, Arleuim, com o *acid techno*, Mantrix, com o *trance* e Chris DB, como o nome denuncia, tocava *drum 'n' bass*. Com o tempo, várias modificações na formação do grupo foram acontecendo até que os membros se fixaram no estilo *techno* e suas principais vertentes. (Jornal O Povo, 2003).

Com o passar do tempo e o fortalecimento do grupo, os jovens passaram a organizar festas de música eletrônica para um público maior que duzentas pessoas, e em um espaço ainda maior se comparado as casas noturnas que promoviam

outras festas. Para Nunes (2010) foi a partir daí que o fenômeno das festas *rave* começaram a se popularizar. As conhecidas “privates”, além de serem “open air”, ou seja, realizadas a céu aberto, deram o pontapé inicial para a formação de grandes festas, como as que ocorreram no ano de 2015. As festas denominadas XXXPerience e Techcardia são exemplos de algumas das primeiras festas raves realizadas em Fortaleza, em 2003 e 2004 respectivamente. Nos anos seguintes inúmeras festas surgiram, e algumas existem até hoje, como a Underground, que no último ano completou 10 anos.

O festival Ceará *Music*, que aconteceu durante os anos de 2001 a 2012, também ajudou a posicionar Fortaleza na rota das grandes atrações eletrônicas, além de ter dado espaço para DJs locais demonstrarem seus trabalhos. Um fato curioso é que, em sua primeira edição, pouca gente se atreveu a assistir às performances dos DJs mais celebrados nacionalmente, como: Mau Mau, Rica Amaral e Patife.

No primeiro Ceará *Music*, o público deu preferência à apresentação do DJ Marciano Djow, cearense e um dos responsáveis pelo som da boate Mucuripe. Já na segunda edição, o espaço onde se apresentavam os DJs no Ceará *Music* era um dos mais cobiçados do festival. Sem dúvida, nem os organizadores do evento imaginavam o sucesso que a música eletrônica havia conquistado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender como se dá a construção dos corpos em oposição ao uso de drogas, é necessário compreender primeiramente como é visto o cenário da festa *rave* com relação ao uso de substâncias ilícitas. Dessa maneira, com o decorrer da pesquisa e pelas observações feitas em campo, surgiu a pergunta: O que leva o público assíduo das festas *rave*, que mesmo exibindo seus corpos sarados de academia e mantendo certa preocupação com a saúde, utilizarem entorpecentes tão prejudiciais ao corpo durante uma festa *rave*? Pergunta a qual requer bastante delicadeza, pois para ser esclarecida necessita que o entrevistado seja verdadeiro e principalmente, que não tenha problema em se “expor” sobre um assunto tão delicado que é o uso de drogas.

Além de entender os motivos os quais levam ao uso de psicoativos, o seguinte trabalho versa a compreensão dos discursos de belo e natural (exaltação

da natureza), pregados durante a festa. Para a obtenção de uma resposta satisfatória sobre os levantamentos questionados, faz-se necessário o contato pessoal durante uma festa do cenário estudado. Dessa forma, pensou-se qual seria a melhor opção de festa, que pudesse se adequar ao tempo da pesquisa, tomando por escolha a festa *Ziohm*, que ocorre no segundo semestre do ano e tem história no cenário de festa eletrônica da cidade.

Foi aplicado ao público feminino presente na última edição da *Ziohm* um breve questionário, de respostas simples, com as seguintes perguntas: Por que você frequenta as festas *rave*?; Você considera que o uso de entorpecentes prejudica ou facilita as relações pessoais durante a *rave*?; Você acredita que certas doutrinas são aplicadas no contexto da festa? (Ex: Ajudar o próximo, ideia de partilha e exaltação a natureza); Para você o modo como uma pessoa está vestida durante a festa tem relevância?; Você consegue identificar diferentes tribos dentro do contexto da festa somente pela roupa que a pessoa está vestindo? Você se preocupa com a forma como deve vir vestida para a festa?

Após a aplicação dessas perguntas foi possível diferenciar e analisar o perfil das entrevistadas, que apesar de terem estilos diferentes, posturas diferentes e até mesmo gostos diferentes dentro do contexto de música eletrônica e suas vertentes, possuíam opiniões muito parecidas e pré-definidas quanto às questões trabalhadas. Foram entrevistadas 10 meninas que estavam presentes durante a festa, com idades entre 18 e 29 anos e de círculo sociais diferentes. As entrevistadas não possuíam sem nenhum vínculo com a autora, para que o resultado da pesquisa não tivesse nenhuma interferência. Vale ressaltar que esta a mostra não se torna representativa, diante da quantidade de entrevistadas.

Para a primeira pergunta foram obtidas diferentes respostas, onde 80% das respostas se traduziram na questão do gosto pessoal pelo tipo de música que é tocado durante um evento desse gênero. Foi citada também a influência das amizades como maior influenciador do meio, desta maneira, percebeu-se que embora o estilo musical não seja de preferência daquela pessoa em questão, seus amigos estavam ali presentes e por conta disso o indivíduo se sentiu seduzido a participar e se fazer presente, satisfazendo os 20% restantes.

Ao serem questionados com relação ao uso de entorpecentes pude perceber dois padrões que são eles: o usuário e o não usuário de drogas ilícitas. O curioso é

que, embora tenham posturas e hábitos diferentes e que uma minoria representasse os não-usuários, todas as respostas foram a mesma. Conforme pesquisa, cem por cento do público feminino entrevistado acredita que o uso de entorpecentes facilita as relações pessoais. O fato é que ao estar fora de si, as pessoas tendem a ser mais sociáveis e comunicativas, de acordo com as entrevistadas. A partir das descrições que foram ouvidas, podemos traduzir essa sensação por:

"Um sentimento de euforia e liberdade, uma vontade de abraçar todo mundo, pular e fazer todos que estão em volta se sentirem tão felizes quanto me sinto".¹²

Apesar de terem conhecimento sobre os efeitos nocivos da droga, as entrevistadas que assumiram serem consumidoras, cerca de 80%, afirmaram que não somente se sentem mais à vontade, como também tem o desejo de se comunicar e relatam também que, por conta do uso de psicoativos, acabam por buscarem ter ainda mais cuidados com a saúde, mantendo uma boa alimentação e praticando exercícios físicos como forma de compensação. Essas afirmações não só respondem ao segundo questionamento, como também o terceiro. Para aquela minoria não-usuária a resposta foi a mesma, ambas as entrevistadas acreditam que o motivo real do uso seria por conta das sensações e sentimentos que são gerados sob o efeito da droga, e que o desejo de vivenciar essas sensações acaba por se sobre sair.

"A galera nunca acha que pode sofrer consequências ao fazer uso das drogas, acham que por não ser sempre, não vai causar problemas. "Meus amigos pensam que pelo fato de comerem bem e praticarem exercícios as chances de terem um problema são menores".¹³

Diante da quarta pergunta pude observar discursos muito parecidos entre as entrevistadas, que afirmaram com unanimidade que percebem e aplicam estas doutrinas. Dentre elas, 100% afirmaram que esse sentimento de partilha, de valorização da natureza e o contato que existe com o próximo é o real motivo que as

¹²Entrevistada realizada com entrevistado Número 4, em Outubro de 2017.

¹³Entrevista realizada com entrevistado Número 7, em Outubro de 2017.

fazem frequentar este tipo de ambiente.

"Em outras festas, as pessoas estão mais preocupadas em aparecer e dar em cima das meninas e não em se divertir. Na rave os meninos costumam respeitar mais as mulheres, estão lá pra curtir o som e não necessariamente pra ficar com alguém. Além disso, todo mundo é mais simpático e prestativo" contou uma das entrevistadas e finalizou "uma vez tive uma amiga que passou mal e várias pessoas desconhecidas ofereceram água, comida, ficaram comigo no banheiro aguardando ela melhorar. Não vejo esse tipo de atitude das pessoas em festa nenhuma".¹⁴

Ficou nítido que estas particularidades são valorizadas pelo público que frequenta as festas de música eletrônica da região, mais especificamente daqueles que tem o costume de ir às raves. Foi perceptível entre as entrevistadas o sentimento de tranquilidade e exaltação do ambiente proposto pela festa, à crença em sua ideologia. O mais interessante em todos esses discursos é a contrariedade que é exposta pela mídia ou pelas pessoas que não estão no meio e que tem pré-conceito. No decorrer da conversa uma das entrevistadas afirmou:

"É comum vermos preconceito de quem nunca foi em uma rave, as pessoas têm mania de achar que nesse ambiente só dá gente drogada e marginal, mas mal imaginam quantas pessoas humanas e maravilhosas encontramos aqui. Briga e droga tem em toda festa! Já fui em festas de forró que as pessoas estavam mais loucas do que podemos ver na rave e mesmo assim não julgam tanto. O preconceito é grande, mas quem conhece sabe que o sentimento de partilha e união está presente no público das raves".¹⁵

¹⁴ Entrevistada realizada com entrevistado Número 7, em Outubro de 2017.

¹⁵ Entrevistada realizada com entrevistado Número 9, em Outubro de 2017.

Entrando finalmente na temática do vestuário, foi possível identificar e confirmar a diferenciação existente dentro do mesmo ambiente. Todas as entrevistadas tiveram resposta negativa, ou seja, 100% afirmaram não se importar quando foram questionadas a respeito da relevância da vestimenta de outras pessoas.

*"Tem uma frase de grande impacto que é dita por todos que frequentam rave que é: Repare menos, dance mais. Claro que sempre existe alguém que acaba reparando nos looks, vendo quem é que fica só de biquíni ou mais comportada, mas acho que isso é normal, não significa que interfira em algo. Já fiz amizades com garotas de estilos completamente diferentes do meu, então no final das contas não é a roupa que necessariamente diz quem você é, podemos nos surpreender"*¹⁶

Relatou a entrevistada resumindo bem o que todas as outras participantes disseram a respeito do assunto.

Em contrapartida, durante o questionando das duas últimas perguntas, algumas das entrevistadas acabaram por entrar em contradição, gerando certas dúvidas tanto para a autora quanto para elas mesmas. Como isso ocorreu? Simples, ao tratarem a respeito das diferentes tribos inseridas em um mesmo meio, todas as entrevistadas afirmaram terem a mesma percepção. Uma das garotas em questão fez sua análise e dividiu certos grupos de mulheres que somente por conta de suas roupas se diferenciavam entre si, e definiu:

"Tem aquelas garotas como eu, que procuram a roupa mais confortável e não ligam muito para a aparência, um biquíni e um short já basta. Acho que quem vem assim quer curtir mais a neura e dançar. Tem também as good vibes que percebo pois sempre vem vestidas com roupas frouxas e coloridas, bem hippies, geralmente com saias longas e muitos acessórios. Essas meninas

¹⁶ Entrevistada realizada com entrevistado Número 5, em Outubro de 2017.

*geralmente trazem barraca de camping, e costumam ficar mais no chill out. E tem aquelas que vem com vestidos colados, roupas curtas, no geral são garotas bombadas que vivem na academia e tem esse estilo acho que pra valorizar o corpo."*¹⁷

Após terem confirmado a percepção de diferentes estilos e principalmente, de terem com os seus discursos se inserido automaticamente dentro de um grupo entre as divisões que foram citadas, 70% das meninas que serviram de objeto de pesquisa alegaram não terem preocupação com a forma que deveriam ir vestidas para a festa. Ao analisarmos essa afirmação percebemos que embora não haja uma preocupação geral com o que o outro pode achar de sua aparência, internamente, todas as meninas estavam preocupadas em se vestirem de acordo com a tribo em que estavam inseridas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa detalhada, da coleta de todos os dados e das respostas obtidas de acordo com as entrevistas que foram efetuadas, pude satisfazer todas as dúvidas e chegar às devidas conclusões a respeito dos questionamentos aqui apresentados. Visto que, sem dúvidas, toda a ideologia da *rave* se modela dentro de um discurso de escapismo da realidade e da busca pela paz de espírito, vivenciada pela valorização do naturalismo podemos concordar que de fato existe dentro do contexto da festa esse cuidado com a natureza e com o próximo, não se esquecendo de suas particularidades e respeitando sempre suas escolhas. Independente do uso ou não de psicoativos, há sempre a preocupação geral no bem-estar e na saúde da coletividade, refletida na construção dos corpos sarados e das tribos existentes.

O fato é que, no geral, o movimento *raver* e seus representantes é nutrido por uma doutrina de valorização do próximo, partilha e acima de tudo, sem julgamentos. A respeito do vestuário percebemos a liberdade do ser e do vestir existente dentro de um mesmo ambiente, e mais, a aceitação geral das diferenças. A ideia de que

¹⁷ Entrevistada realizada com entrevistado Número 9, em Outubro de 2017.

"aquele é diferente de mim, se veste e tem prioridades diferentes das minhas, mas ainda assim faz parte de um todo que somos nós dentro de um mesmo movimento".

É belo perceber que ainda existem ambientes onde todos buscam olhar mais para si e menos para os outros, onde nos relacionemos não existam diferenças da classe social, das vestes ou do propósito. E como aluna de moda, é ainda mais prazeroso estudar essas diferenças tão nítidas do ser humano pelo simples ato do vestir e perceber que existem pessoas e até mesmo ambientes que abriga, respeita e aceita, mesmo nesse mundo preconceituoso em que vivemos. Foi um imenso prazer estudar e desenvolver este trabalho que obtive um resultado melhor do que o esperado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. de C. **Raves: encontros e disputas**. Dissertação de mestrado: FFLCH –USP, 2005. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-29052006-204338/pt-br.php>> Acesso em: 22 maio 2015
- ALCANTARA, Jaína Linhares. Sociabilidades e hedonismo nas festas do tipo rave em Fortaleza – Ceará – PPGAS Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2006/jaina%20linhares%20alcantara.pdf Acesso em: 22 maio 2015.
- ANUNCIAÇÃO, Talita do Lago. **Raves do século XXI: O Woodstock não é aqui**. (2010) Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/raves_do_seculo_xxi_o_woodstock_nao_e_aqui.pdf> Acesso em: 5 jun. 2015.
- ARAÚJO JR, Jackson. **Dj, dono da juventude: sagrado e profano na festa de Olimpio moderno**. Fortaleza, 2007. Monografia, Universidade de Fortaleza. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/dj-dono-da-juventude-sagrado-e-profano-na-festa-do-olimpio-moderno> Acesso em 21 jan. 2016
- CASTRO, F. **Beatz, nº 13**. 2004. Disponível em: < <file:///C:/Users/USer/Downloads/4cap2.PDF>> Acesso em: 19 jun 2015.
- DOMINGOS, Darryl Emanuel Lampreia. **Práticas Culturais de Movimentos Juvenis Contemporâneos: a tribo psicadélica e as suas relações com as novas tecnologias de informação e comunicação**. Algarve, 2009. Disponível em: < <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/2075/1/DarrylDomingos%2035211%20-%20Trance%20Psicad%C3%A9lico%20no%20Algarve%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%2027-01-2011.pdf>> Acesso em: 17 jun. 2015
- MAFFESOLI, M. **A Contemplação do Mundo**. Tradução: Francisco F. Settineri. Porto Alegre-RS, Editora Artes e Ofícios Editora Ltda, 1995.
- _____. **O Tempo das Tribos**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. RJ, Editora Forense-Universitária, 1987.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. Disponível em: < <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 16 jun. 2015.
- MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. RJ: DP&A, 2006.

MORENO, Rafaela Barbosa Ramos. **Festas Raves: A festa no passado e no presente**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://ofelia.com.br/_arquivos/files/TCC%20-%20RAVES.pdf> Acesso em: 19 jun. 2015

NEVES, Thiago Tavares das. **Uma interpretação semiótica de raves como expressões culturais dotadas de ordem e caos**. maio. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0165-1.pdf>> Acesso em: 29 maio 2015.

NUNES, Jefferson Veras. **Livres, Puros e Felizes: culturas juvenis e festas rave em fortaleza**. Fortaleza, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/USer/Downloads/2010_dis_JVN.pdf. Acesso em: 21 jan. 2016

POSI, Lia Raquel. **Universidade e festas raves: Reflexões sobre a formação cultural de jovens universitários**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/VIPBCALLVDSU.pdf>> Acesso em: 29 maio 2015.

SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. **A cibermúsica, djing, tribos e cibercultura**. UFBA (Facom), 2002. Disponível em: <<http://www.pragatecno.com.br/ensaio2.html>> Acesso em: 29 maio 2015.

SOUZA, Vitor Chaves de. **“Put your hands in the air!”: O sagrado e o desvio nas festas de música eletrônica**. dez. 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/USer/Downloads/2383-5954-1-PB.pdf>> Acesso em: 5 jun. 2015.